



DOI <https://doi.org/10.31639/rbfpf.v15i34.735>

Recebimento em: 10/08/2023 | Aceite em: 21/11/2023

ARTIGOS

# NO CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM APÓS O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

*Nilda Masciel Neiva GONÇALVES*

*Universidade Federal do Piauí- UFPI*

*Picos, Piauí -PI*

*nildabio@ufpi.edu.br*

<https://orcid.org/0000-0003-1327-0803> 

**RESUMO:** A pandemia da COVID 19, possibilitou a imersão em variadas formas de produzir a aula, que passou a configurar-se como Ensino Remoto Emergencial (ERE), dando continuidade ao processo educativo. Sendo esse, questionado por vários problemas ocasionados em campos diversos. Nesse contexto, torna-se oportuno analisar as dificuldades de aprendizagem de alunos no Ensino Superior com o retorno de aulas presenciais pós pandemia. Trata-se de uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa que tem o questionário como instrumento de coleta de dados e alunos de uma universidade pública, como sujeitos. Os dados coletados foram analisados a luz da “análise interpretativa” e apontam para dificuldades oriundas da demanda de atividades, a maior quantidade de conteúdo de ensino, maiores exigências docentes, a realização de avaliações mais complexas e defasagem de conteúdos de períodos anteriores. Com a pesquisa a possibilidade de discussões na área em questão para amenizar as dificuldades que impossibilitam aprendizagens significativas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pandemia. dificuldades. ciência. aprendizagem.

# IN THE TEACHER TRAINING COURSE LEARNING DIFFICULTIES AFTER EMERGENCY REMOTE TEACHING

**ABSTRACT:** The COVID 19 pandemic allowed immersion in various ways of producing the class, which came to be configured as Emergency Remote Teaching (ERE), continuing the educational process. This being questioned by several problems caused in different fields. In this context, it is opportune to analyze the learning difficulties of students in Higher Education with the return of face-to-face classes after the pandemic. This is a descriptive research with a quali-quantitative approach that uses a questionnaire as a data collection instrument and students from a public university as subjects. The collected data were analyzed in the light of "interpretive analysis" and point to difficulties arising from the demand for activities, the greater amount of teaching content, greater teaching demands, the performance of more complex assessments and a lag of contents from previous periods. With the research, the possibility of discussions in the area in question to alleviate the difficulties that make significant learning impossible.

**KEYWORDS:** Pandemic. difficulties. science. learning.

# EN EL CURSO DE FORMACIÓN DOCENTE DIFICULTADES DE APRENDIZAJE DESPUÉS DE LA ENSEÑANZA A DISTANCIA DE EMERGENCIA

**RESUMEN:** La pandemia de COVID 19 posibilitó la inmersión en diversas formas de producir la clase, que pasó a configurarse como Enseñanza Remota de Emergencia (ERE), continuando el proceso educativo. Siendo esto cuestionado por varios problemas ocasionados en diferentes campos. En este contexto, es oportuno analizar las dificultades de aprendizaje de los estudiantes de Educación Superior con el regreso de las clases presenciales tras la pandemia. Se trata de una investigación descriptiva con enfoque cuali-cuantitativo que tiene como instrumento de recolección de datos el cuestionario y como sujetos a estudiantes de una universidad pública. Los datos recogidos fueron analizados a la luz del "análisis interpretativo" y apuntan a dificultades derivadas de la demanda de actividades, la mayor cantidad de contenidos didácticos, mayores exigencias docentes, la realización de evaluaciones más complejas y la falta de contenidos de periodos anteriores. Con la investigación, se abre la posibilidad de discusiones en el área en cuestión para paliar las dificultades que imposibilitan el aprendizaje significativo.

**PALABRAS-CLAVE:** Pandemia. dificultades. ciencia. aprendiendo.

## INTRODUÇÃO

O Ensino Remoto Emergencial (ERE) foi implementado para atender a demanda educacional de vários países, dentre eles o Brasil, no período de avanço da pandemia da COVID 19, que exigiu o distanciamento social como forma de sua prevenção. Tendo que adaptar-se a essa nova realidade, em 2020 algumas instituições educacionais rapidamente adotaram medidas para o início das atividades educativas e outras de forma mais tardia o fizeram (SILVA et al, 2021). Essa estratégia passa então, a destacar-se como uma medida pedagógica para realização de aprendizagens durante o período pandêmico.

Fato notório é que a comunidade acadêmica não se encontrava preparada para a realização das atividades educacionais nesse formato de ensino, o que ocasionou alguns problemas quanto ao domínio da tecnologia para produção e aquisição de conhecimento (MIRANDA et al, 2020).

Estando a comunidade acadêmica despreparada para o enfrentamento rápido do distanciamento social, sofreu abalos econômicos, sociais, psicológicos. Docentes rapidamente tiveram que aprender a dominar tecnologias de comunicação e informação e adquirir equipamentos sofisticados para a realização/produção das aulas que passaram a ocorrer com o auxílio de plataformas digitais. Alunos também tiveram que adquirir ferramentas para o estudo ofertado, muitos com condições econômicas desfavoráveis abandonaram o curso nesse período (RONDINI, 2020).

O trabalho educativo com esse novo direcionamento ofertou formas novas de ensino e aprendizagem, desse modo, as aulas se revestiram de tecnologia e os professores passaram a produzi-la de formas distintas e com ampla utilização das redes sociais. A Educação Brasileira cada vez mais próxima das estratégias adotadas pelo ensino a distância, embora essa não seja a modalidade adotada para o período pandêmico (OLIVEIRA, 2020).

Com tantas modificações necessárias ao prosseguimento das atividades universitárias, alguns problemas surgem e algumas pessoas ficam a margem do processo educativo ou sofrem abalos ocasionados pelo ERE. Para Silva et al (2021), a condição socioeconômica dos alunos afeta o andamento do processo de ensino-aprendizagem, principalmente nas famílias de baixa renda, onde o problema não está associado apenas a ausência de ferramentas tecnológicas para acompanhar as aulas, mas a ausência de espaço físico em casa para os estudos e realização de tarefas.

Com o enfrentamento de problemas relacionados ao ensino e diminuição dos casos de COVID 19 no nosso país, o retorno das atividades presenciais ocorrem de forma gradual na universidade, conduzindo problemas relacionados a ausência do convívio social, acompanhamento das aulas remotas, incompreensão de conteúdos de ensino, formas de avaliação da aprendizagem inadequadas, dentre outras.

Os problemas ocasionados, são sentidos por professores e alunos no espaço universitários e estratégias educacionais são sondadas e implantadas para amenizar os transtornos causados pela implementação rápida e necessário do ERE (ROSA, 2022). Diante de tais dilemas, surge a inquietação quanto as dificuldades de aprendizagem oriundas desse processo, pós pandemia.

Nesse contexto, a presente pesquisa busca analisar as dificuldades de aprendizagem no ensino superior, com o retorno de aulas presenciais, após Ensino Remoto Emergencial. Especificamente deseja, identificar as dificuldades de aprendizagem apresentadas por discentes do ensino superior após o retorno das aulas presenciais; relacionar as dificuldades de aprendizagem com fatores psicossociais, econômicos e

organizacionais; reconhecer a importância de refletir sobre as dificuldades de aprendizagem em contextos formativos.

## UM RECORTE DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NA PANDEMIA DA COVID 19

Em março de 2020, foi declarado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) estado de pandemia em relação à COVID-19. Dessa forma, medidas como distanciamento e isolamento social foram recomendados para conter o vírus. No âmbito educacional o Ensino Remoto Emergencial foi orientado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e implementado como exigência do Ministério da Educação e Cultura (MEC), com a finalidade de oferta contínua do ensino e redução dos prejuízos de aprendizagem em decorrência da paralisação das aulas presenciais (RIBEIRO; JUSTINO, 2022). Cabe ressaltar que o ERE configura-se como “Uma solução temporária e estratégica que permitirá, no contexto da Pandemia de COVID-19, proporcionar à comunidade acadêmica a possibilidade de manter, nas circunstâncias possíveis, as atividades de ensino” (SILVA, et al, 2021, p. 40).

Formas distintas de ensinar e aprender são moldadas para interação aluno e conteúdo, mediadas pelo professor, nessa perspectiva as plataformas digitais tiveram destaque para o acesso a conteúdos de ensino, vídeos, videoaulas, filmes, experimentos, diálogos, dentre tantas outras atividades que ocorrem de forma síncrona ou assíncrona (ANDRADE et al, 2021).

No seus estudos Ribeiro e Corrêa (2021) constata que a educação sistematizada sofreu mudanças bruscas, tendo que atender as exigências da pandemia, se revestiu de estratégias metodológicas que não faziam parte do ensino da grande maioria de escolas do nosso país, sejam públicas ou privadas. Tal processo requereu um levantamento preciso e cuidadoso, quanto as condições espaciais, estruturais, financeiras, sociais e psicológicas das pessoas envolvidas no processo de ensino aprendizagem (RONDINI; PEDRO; DUARTE, 2020).

Tal estratégia adotada em todo o Brasil pelas instituições públicas e privadas foi mediada por tecnologias, em um ambiente totalmente virtual por plataformas online, possibilitando a interação entre docentes e discentes devido às aulas expositivas que foram realizadas por sistema web, utilizando recursos digitais para a execução das atividades, tais como: *Google Meet*, *Google Classroom*, *WhatsApp*, *Moodle Classes*, entre outros.

izagem viável, no entanto, estudantes e professores das diversas instituições de ensino sejam da educação básica, como superior, tiveram dificuldades com a falta de equipamentos modernos para o acesso, as aulas, internet de qualidade e até mesmo sobre os domínios metodológicos da modalidade (ANDRADE et al, 2021).

No tocante ao Ensino Superior, a implementação dessa forma de ensino ocorreu de forma mais rápida em algumas instituições, principalmente nas privadas e de forma mais lenta na maioria das públicas. Também ocorreu a utilização de algumas plataformas mediadas pela modalidade de Educação a Distância (EAD) (RIBEIRO; CORRÊA, 2021).

Algumas universidades resolveram não adotar o ensino remoto e esperar a COVID-19 passar, mas ao analisar a situação perceberam que a volta presencial não ocorreria tão cedo, logo iniciaram as aulas a partir do segundo semestre de forma remota. Outras tiveram o início de suas atividades de forma remota a partir da qualificação de seu pessoal para o trabalho com o novo formato de ensino, bem como a partir da aquisição de alguns equipamentos necessários para a sua implementação (ROSA, 2022).

Todavia, as mudanças foram muitas e o processo de adaptação as mesmas causou desgastes em todos os envolvidos, provocando sobrecarga e ansiedade, baixa eficiência no ensino, baixa motivação dos estudantes e aumento de evasão nos cursos (OLIVEIRA, 2020).

Ao realizar seus estudos, Feitosa et al (2020, p.18) apresenta uma metáfora que corresponde a implementação do ERE.

Cactos, plantas com características únicas encontradas principalmente no Nordeste brasileiro. São plantas espinhentas que possuem como principal característica a sobrevivência em ambientes extremamente quentes, portanto, é uma planta que simboliza força, resistência e adaptação. Crescem nas condições mais adversas possíveis, e mesmo frágeis, os cactos aprenderam a se adaptarem e a viverem nas adversidades da vida. Diante de tais características, discerne opticamente sua semelhança com a Educação, em que as instituições de ensino e todo o corpo docente tiveram que se remodelar para adaptar-se às transmutações exigidas no cenário pandêmico e dar continuidade ao ensino.

Essas transformações trouxeram algumas dificuldades como também benefícios para a comunidade escolar. Como dificuldades são apontadas o déficit de atenção dos alunos, desmotivação dos discentes por conta da monotonia da maioria das aulas, dificuldade de acesso à internet de boa qualidade para os estudantes em vulnerabilidade socioeconômica, ausência de acesso a aparelhos digitais de informação e comunicação que são essenciais para esse método de ensino-aprendizagem (FEITOSA et al, 2020).

Outras complicações do ERE, apontado por estudiosos são as mudanças emocionais ocasionadas pela ausência do convívio e as evasões dos estudantes devido muitas vezes a falta de disponibilidade para equilibrar o trabalho e estudos principalmente em um período tão difícil (RIBEIRO; JUSTINO, 2021).

Ainda segundo estudos destes autores as aulas de forma remota afetam a qualidade de vida e as instituições de ensino vem buscando estratégias coletivas pela promoção à saúde, em especial a mental, com vista a reduzir o impacto da pandemia.

Como pontos positivos do ensino remoto emergencial são apontados: a flexibilidade de horários das aulas, uma vez que ocorrem de modo síncrono e assíncrono, possibilitando aos alunos o acesso às gravações em momentos distintos, a diversidade tecnológica, pois proporciona muitos recursos e possibilidades que as tecnologias oferecem para serem explorados, as tecnologias digitais como ferramentas de inclusão social; menor custo, ou seja, diminui os gastos de deslocamento e manutenção da residência dos discentes (RODRIGUES, 2020).

Em relação ao grupo docente, cabe frisar a importância da formação continuada nesse momento. Em um curto espaço de tempo, professores tiveram que reaprender/refazer sua forma de acesso aos estudantes, encaminhar atividades e acompanhar de modo mais individual a trajetória de cada um (RIBEIRO; JUSTINO, 2021). A formação continuada se fez e se faz importantíssima para a qualidade do processo de ensino e aprendizagem. Serve como um suporte para a construção de escolas, cidadãos e profissionais mais competentes, éticos e humanos.

## TRILHAS DA PESQUISA

A presente pesquisa caracteriza-se como descritiva e apresenta abordagem quali-quantitativa. Segundo Gil (2019), as pesquisas descritivas ajudam a descrever uma realidade, população ou fenômeno, tornando algo mais claro. O planejamento dessa categoria de pesquisa é muito flexível devido à consideração de variados aspectos em relação ao fato estudado. A utilização da abordagem quali-quantitativa ocorre pela possibilidade de reflexão sobre as diversas formas de apresentação dos dados. Lakatos e Marconi (2003, p.22) afirma que: “o conjunto de dados quantitativos e qualitativos, não se opõem. Ao contrário, se complementam, pois, a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia.” Dessa forma maiores possibilidades de compreensão dos fatos.

Nesse contexto, foram sujeitos da pesquisa alunos regularmente matriculados no 3.º, 4.º e 5.º períodos do curso de Ciências Biológicas de uma universidade pública, localizada no município de Picos-PI que desejaram participar da pesquisa após apreciação dos seus objetivos expostos no projeto e pesquisa sob aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa parecer de n.º 5.940.438. Um quantitativo de 53 alunos. A opção pelo trabalho com essa clientela vai ao encontro do seu ingresso no curso superior em pleno processo pandêmico, portanto, estando aptos a indicar dificuldades encontradas pós processo de Ensino Remoto Emergencial e por ser a pesquisadora responsável pelo estudo, vinculada ao curso de Ciências Biológicas.

Para a produção do corpus da pesquisa foi utilizado um questionário disponibilizado aos alunos no período de maio a junho de 2023. O questionário constou de questões objetivas, abertas e itens de identificação dos participantes. Questionários são instrumentos com um número de questões apresentadas por escrito cujo objetivo é propiciar determinado conhecimento ao pesquisador (GIL, 2019). Para participar da pesquisa os sujeitos tiveram que assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Como procedimento analítico dos dados foi adotada a “Análise interpretativa” com três tempos de leitura: identificação dos sujeitos e falas; categorização dos dados; interpretação.

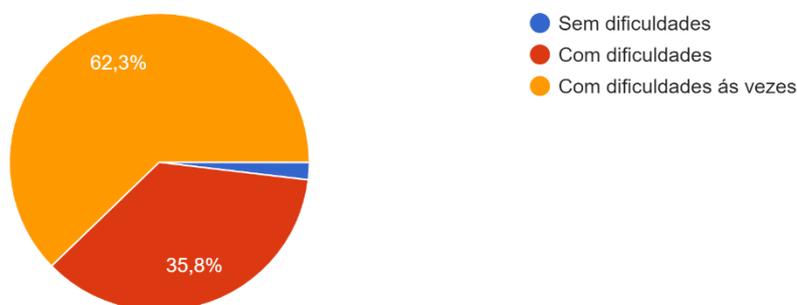
## RESULTADOS DA PESQUISA

A aprendizagem de conteúdos nem sempre ocorre de forma tranquila para os alunos da Educação Superior, sendo necessária alternância de práticas para o atendimento de todos (SILVA, et al, 2021).

Com o Ensino Remoto Emergencial, novas práticas foram adotadas para o trabalho com conteúdos que integram as matrizes curriculares, sendo notório que estas agradaram a alguns e outros não (ANDRADE et al, 2021). Com esse contexto, buscou-se saber dos partícipes se ocorreram dificuldades relacionadas a aprendizagens de conteúdos após período de Ensino Remoto Emergencial (Figura 1).

A dificuldade de aprendizagem de conteúdos nesse período pode ser associado a diversos fatores, dentre eles, o primeiro contato físico com o espaço da instituição, colega e professores; a permanência de mais tempo no espaço universitário; acesso restrito ao uso das tecnologias durante as aulas; ausência de variação de práticas de ensino; redução do número de atividades coletivas; aumento do número de aulas práticas e presenciais, dentre muitos outros fatores, que não cabiam durante o ERE (MIRANDA et al, 2020). Os resultados apontam para a presença de dificuldades em relação à aprendizagem entre 98% dos universitários.

**Figura 1- Dificuldade de aprendizagem de conteúdos após ERE.**



**Fonte: Dados da pesquisa, 2023.**

A dificuldade de aprendizagem de conteúdos nesse período pode ser associada a diversos fatores, dentre eles, o primeiro contato físico com o espaço da instituição, colega e professores; a permanência de mais tempo no espaço universitário; acesso restrito ao uso das tecnologias durante as aulas; ausência de variação de práticas de ensino; redução do número de atividades coletivas; aumento do número de aulas práticas e presenciais, dentre muitos outros fatores, que não cabiam durante o ERE (MIRANDA, et al 2020). Os resultados apontam para a presença de dificuldades em relação à aprendizagem entre 98% dos universitários.

Bem, sabedores que dificuldades foram encontradas com o retorno do ensino presencial, cabe aqui elencar quais são apontadas com maior frequência pelos partícipes: 69,8% afirmaram estar a dificuldade relacionada a maior carga de conteúdo; 56,6% a maiores exigências docente; para 69,5% a avaliações mais complexas. Já para 13,2% está relacionado a falta de interação com a turma e para 24,5% a defasagem de conteúdos de períodos anteriores. A ausência de utilização de recursos didáticos tecnológicos também está relacionada as dificuldades de aprendizagem para cerca de 17% dos respondentes.

Os dados trazem o indicativo da existência de fatores diversos que são causadores de dificuldades de aprendizagem após o ERE e que tendem a ser eliminados ou não após o período de adaptação as aulas presenciais no Ensino Superior.

Durante o ERE as universidades públicas fizeram adaptações em seus calendários e na oferta de disciplinas para que os alunos pudessem acompanhar as atividades de forma mais tranquila. Desse modo, foram ofertadas atividades síncronas e assíncronas possibilitando uma adaptação de horários para estudos individuais, fato que não ocorre durante o ensino presencial. Essa unicidade, para com as atividades fez com que 15,1% dos partícipes trancassem disciplinas com o retorno das aulas presenciais por não acompanharem o ritmo e a demanda do curso.

Mesmo com a presença de algumas dificuldades de adaptação ao ensino presencial 90,6% dos alunos que responderam ao questionário, afirmaram sua preferência pelo ensino presencial, fato que pode estar associado a rápida adaptação dos alunos ou mesmo a necessidade de convívio social que lhes foi interrompido durante a pandemia. As aulas presenciais para muitos autores são de suma importância para compreensão de conteúdos e aprofundamento de estudos. As trocas realizadas durante as aulas presenciais possibilitam aprendizagens mais significativas e próximas da realidade dos educandos (ANDRADE et al, 2021).

Embora a preferência pela aula presencial tenha ficado evidente nas análises, cabe ressaltar que para 49,1% dos alunos o ensino híbrido pode ser ofertado para algumas disciplinas do curso. O ensino híbrido é uma metodologia onde o aluno vivencia o processo de aprendizagem de forma presencial e remota utilizando várias ferramentas e tecnologias para dar suporte tanto aos alunos quanto aos professores. “O ensinar e o aprender acontecem em uma interligação simbiótica, profunda e constante entre os chamados mundo físico e digital” (MORAN, 2015, p. 39).

As aulas no formato do ERE, oportunizava o estudo no conforto do lar e a ausência de deslocamento para o espaço formativo. O deslocamento, conforme seu tempo de duração e espaço percorrido para alguns estudantes surge como empecilho para o desenvolvimento de algumas atividades e acompanhamento das aulas, desse modo para 22,6% dos alunos a adaptação ao deslocamento tem atrapalhado sua aprendizagem e para 49,1% isso ocorre às vezes. Para 28,3% foi tranquila a adaptação ao deslocamento de modo que ele não atrapalha o processo de ensino aprendizagem.

Muitos alunos têm que enfrentar horas no trânsito para chegar no espaço formativo, fator gerador de desânimo para alguns, pelo tempo despendido no percurso. Esse fato, por vezes também contribui para evasão, quando associado ao custo real para frequência a universidade (SILVA, et al, 2021).

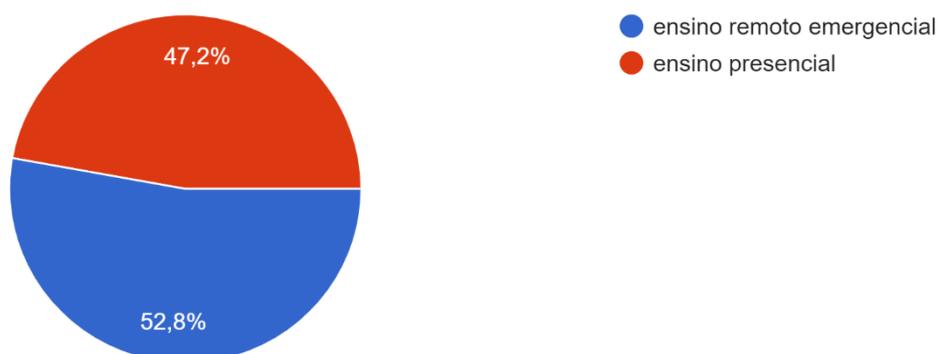
Bem, com o retorno das atividades presenciais e suas exigências, o rendimento acadêmico dos alunos sofreu alterações, dessa forma, tem-se o indicativo de um desempenho regular com as aulas presenciais após o ERE para 54,7% dos participantes, como bom para 34% e ótimo para 11,3%. Com os dados a constatação de um rendimento menor, relacionado a frequência e ritmo de atividades propostas no presencial, demandando maior tempo de estudos e exigência de organização para acompanhamento das atividades. No ERE, também há a necessidade de organização do tempo de estudos, mas a presença de uma cobrança menor em relação às atividades desenvolvidas, fato que aponta para índices de rendimento acadêmico mais elevados dentre outros fatores (RIBEIRO; JUSTINO, 2021).

O isolamento necessário, causado pela pandemia, também deixou sequelas que diretamente ou indiretamente interferiram no retorno as aulas presenciais. Atividades individuais foram mais solicitadas e as relações interpessoais praticamente deixaram de existir. Com o retorno as aulas presenciais um novo ciclo se inicia e com ele aprendizagens relacionadas ao convívio social e as interações nos espaços educativos. A mudança de formas de interação pode ter interferido nas aprendizagens. Nesse contexto, optou-se por verificar se as relações interpessoais foram geradoras de dificuldades de aprendizagem no espaço formativo. Para 24,5% dos alunos as relações interpessoais interferiram na sua aprendizagem, para 24,5% esse fato ocorreu às vezes, para 50,9% esse não foi um problema presente relacionado a aprendizagem.

O sucesso das relações interpessoais entre aluno-aluno e aluno-professor permite um andamento favorável do processo de ensino aprendizagem. Para Gudolle, Blando e Franco, (2021) o companheirismo influencia muito nas primeiras experiências na universidade visto que existe uma esperança nos laços de amizade que abri margem para que os discentes compartilhem seus medos, dificuldades, expectativas, adaptações. Na visão deles a falta de um grupo pode ser um motivo de frustração, visto que desanima as expectativas de mudança nas relações (ANTUNES, 2014). Dessa forma, o professor deve preocupar-se também com o conjunto de procedimentos que facilitam a comunicação e as linguagens para o estabelecimento de laços sólidos nas relações humanas, ajudando os alunos na vida acadêmica (FEITOSA, 2020).

Quando questionados sobre em qual formato de ensino tiveram mais dificuldade de aprendizagem, 52,8% (Figura 2) dos discentes indicaram mais dificuldade de aprendizagem durante o ensino remoto emergencial, fator esse relacionado a questões já mencionadas anteriormente neste trabalho.

**Figura 2- Formatos de ensino quanto a dificuldade de aprendizagem**



**Fonte: Dados da pesquisa, 2023.**

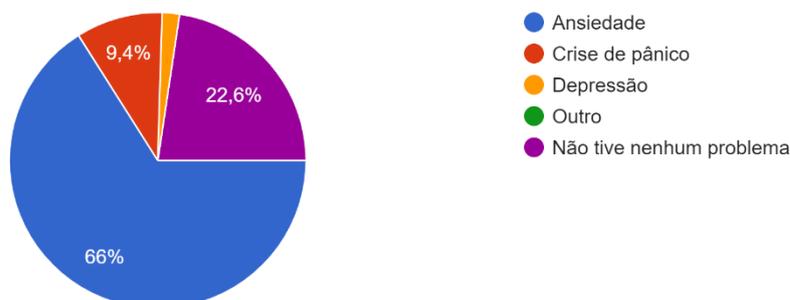
Maiores aprendizagens no ensino presencial relacionam-se aos hábitos e habilidades que os discentes já possuíam proporcionado pela rotina de encontros, trocas de experiências, trabalhos grupais, acesso aos espaços da instituição em vários momentos formativos. É muito importante nesse tipo de ensino a estrutura da instituição que oferece os acervos da biblioteca, laboratórios que são voltados para os conteúdos específicos de cada curso, isso favorece e motiva o aprendizado (MASSETO, 2012). O local influencia o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos e as instalações impulsionam a comunidade acadêmica a produzir e pesquisar (COSTA; NASCIMENTO, 2000).

O processo de adaptação do estudante as características do ensino presencial após a pandemia pode ter ocasionado o surgimento de alguns transtornos emocionais oriundos da quebra do ritmo de aprendizagem imprimido pelo ERE, dificultando a integração do aluno no meio acadêmico. Assim, como resultados da pesquisa tem-se que 77,4% dos partícipes acreditam ter desenvolvido algum transtorno emocional na adaptação as aulas presenciais.

Os transtornos podem acometer qualquer pessoa e são motivados por diversas razões provocando mudanças no comportamento dos indivíduos e afetando seriamente a saúde e bem-estar dos mesmos, sendo a ansiedade, depressão e crise de pânico alguns dos transtornos emocionais mais comuns. "Os transtornos são cumulativos e uma série de pequenos transtornos pode gerar emoções prejudiciais, como ansiedade e tensão esmagadoras, dificuldade para raciocinar com clareza e uma ampla variedade de reações comportamentais" (AQUINO, 1999, p. 23).

Sendo necessários cuidados específicos para o acompanhamento e tratamento das diversas categorias de transtornos existentes, buscou-se saber quais os partícipes acreditavam ter desenvolvido com o retorno das aulas presenciais, desse modo, a ansiedade foi citada por 66% dos alunos, a crise de pânico por 9,4%, e a depressão é citada por 2% dos alunos (Figura 3).

**Figura 3 – Transtorno desenvolvido por alunos do ensino superior com o retorno das aulas presenciais pós ERE.**



**Fonte: Dados da pesquisa, 2023.**

Tais transtornos surgem devido a diversos fatores, como o processo de adaptação dos alunos às aulas presenciais, às novas metodologias de ensino e avaliação, aos novos relacionamentos interpessoais com professores e comunidade acadêmica dentre outros (PONTES, 2021).

A ansiedade e a depressão possuem relação entre si, porém, com causas e sintomas diferentes. Faz-se presente na vida de muitos estudantes, uma vez que o período universitário constitui uma etapa importante trazendo consigo novos desafios. Conforme o aumento na rotina de estudos e a maior intensidade na jornada acadêmica, o universitário fica vulnerável a desenvolver sobrecarga psicológica, o que pode influenciar no comportamento e desencadear problemas mentais (MEDEIROS; BITTENCOURT, 2014).

A “Ansiedade é um sentimento vago e desagradável de medo, apreensão, caracterizado por tensão ou desconforto derivado de antecipação de perigo, de algo desconhecido ou estranho.” (PONTES, 2001, p.14.) Esse transtorno é cada vez mais comum em estudantes universitários, dado que o novo ensino exige maiores demandas e responsabilidades a serem assumidas pelos discentes, afetando negativamente o desempenho dos mesmos, bem como a saúde mental segundo Medeiros e Bittencourt (2014).

Para Costa e Nascimento (2020), a depressão é um transtorno mental que apresenta no indivíduo humor deprimido, perda de interesse ou prazer, diminuição de energia, sentimento de culpa ou baixa autoestima, perturbação do sono ou apetite e concentração pobre. A responsabilidade sobre o início da vida adulta, a solidão e a necessidade de começar uma nova rede de contatos são fatores que geram esse desconforto.

A distância da cidade e do núcleo familiar, a adaptação às novas metodologias pedagógicas, os novos vínculos sociais nesse contexto, além de outros conflitos individuais e coletivos constituem alguns dos desafios a serem encarados no ingresso à vida universitária (MIRANDA, et al 2020), portanto, podem ser fontes geradoras de comportamentos indesejados.

Para Pontes(2021) outro transtorno recorrente no âmbito estudantil são os ataques de pânico, sendo crises de medo e pânico inesperado, associados a sintomas físicos. Esse acomete indivíduos que passaram por uma situação onde foram submetidos a uma alta carga de estresse ou situação de extremo perigo podendo assim desencadear um ataque, afetando a qualidade de vida dos mesmos.

Um dos fatores que podem ter ocasionado o desenvolvimento de algum transtorno ou mesmo dificultado a adaptação dos alunos ao ensino presencial, foi a carga horária imprimida no período presencial, bem distinta da ofertada no ERE, fator que para 64,2% dos partícipes foi determinante, ao exigir um novo ritmo de estudos, maior absorção de conteúdos e organização para com as atividades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a chegada do Ensino Remoto Emergencial, impulsionado pela pandemia da COVID 19, as instituições de ensino superior tiveram que planejar estratégias para superação da estagnação da produção de conhecimento que as envolvia cerca de um trimestre. Com essa missão, investimentos foram realizados na compra de equipamentos, instalação de internet, capacitação de professores, adaptação de espaços, etc. (GUDOLLE; BLANDO; FRANCO, 2021). Foi um momento de muito aprendizado, mas um momento também indesejado por grande parte da comunidade acadêmica.

Com tais medidas sendo adotadas alunos e professores sentiram a necessidade de se reinventar para consolidação de aprendizagens em momentos formativos (PONTES, 2021). Nesse contexto de tensão algumas aprendizagens não foram efetivadas evidenciando a preferência pelo ensino presencial, como apresentado nesse trabalho, bem como, a ocorrência de desenvolvimento de transtornos ocasionados pelo trâmite desse processo, dentre eles, a ansiedade, síndrome do pânico e depressão.

Com esse cenário, cabe apontar a relevância do ERE para aprendizagens voltadas ao domínio das TICs, que permitiu o prosseguimento de alguns estudos com o acesso, as informações e momentos formativos, embora não conseguisse de forma significativa avaliar as aprendizagens efetivadas, nesse período de distanciamento social (SILVA, SOUSA; MENESES, 2020). Também apontar a relevância do retorno ao ensino presencial, momento de reencontros, de vivências em espaços físicos de formação, de acesso às relações interpessoais e realização de aprendizagens mais densas.

Com a pesquisa o esclarecimento dos infortúnios causados com a presença de dificuldades de aprendizagem pós pandemia para 98% dos discentes, por terem que adaptar-se as práticas pedagógicas adotadas no período presencial, a maior quantidade de conteúdo, maiores exigências docentes, a realização de avaliações mais complexas e defasagem de conteúdos de períodos anteriores.

A rotina das atividades de ensino e aprendizagem divergem entre o Ensino Remoto Emergencial e Ensino presencial, nesse contexto a possibilidade de pensar sobre as experiências vivenciadas em períodos tão singulares e o reconhecimento da necessidade de pesquisas futuras que venham a identificar o que se tornou viável ao ensino presencial mediante a interrupção do ERE.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, de C. J. et al. Dificuldades enfrentadas durante o ensino remoto. **Rebena-Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, v. 1, p. 80-95, 2021.
- AQUINO, J. G. (Org). **Autoridade e Autoritarismo na Escola**: alternativas teóricas e práticas. 3ª Ed. – São Paulo: Summus, 1999.

COSTA, A. E. R.; NASCIMENTO, A. W. R. do. Os desafios do ensino remoto em tempos de pandemia no Brasil. **Anais VII CONEDU-Edição Online**. Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/69217>> Acesso em: 05/01/2023.

FEITOSA, M.C. et al. **Ensino Remoto**: o que pensam os alunos e professores? In: CONGRESSO SOBRE TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO, 2020, Evento Online. **Anais** [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2020. p. 60-68. DOI: <https://doi.org/10.5753/ctrl.2020.11383>.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2019.

GUDOLLE, L. S.; BLANDO, A.; FRANCO, S. R. K. Ensino remoto emergencial na educação superior: uma reflexão baseada em Paulo Freire. **Revista Inter Ação**, Goiânia, v. 46, n. ed. especial, p. 1178–1189, 2021. DOI: 10.5216/ia.v46ied.especial.68422. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/68422>. Acesso em: 4 jan. 2023.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

MASSETO, M. **Competência pedagógica do professor universitário**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2012.

MEDEIROS, P.P; BITTENCOURT, F.O. Fatores associados a ansiedade em estudantes de uma faculdade particular. **Revista de Psicologia**. v.10. n.33. 2017. Disponível em: <<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/594>>. Acesso em 20/01/2023.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2014.

MIRANDA, K. K. de O. et al. Aulas remotas em tempo de pandemia: desafios e percepções de professores e alunos. In: **VII Congresso Nacional de Educação**. Maceió, 2020. Disponível em: <[https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO\\_EV140\\_MD1\\_SA\\_ID5382\\_03092020142029.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA_ID5382_03092020142029.pdf)>. Acesso em: 10/01/2023.

OLIVEIRA, R. Estudantes de escolas públicas do Estado terão internet no celular para aulas virtuais. **GAÚCHAZH**. Porto Alegre, 13 maio 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/rosane-de-oliveira/noticia/2020/05/estudantes-de-escolas-publicas-do-estado-terao-internet-no-celular-para-aulas-virtuais-cka5xwtol00px015n7q3xjxl6.html>> . Acesso em: 25 jun. 2020.

PONTES, Laysa Mirelly da Silva. **Ansiedade em estudantes do ensino superior**: uma revisão bibliográfica. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/42276>>. Acesso em: 20/01/2023.

RIBEIRO, J. T.; JUSTINO, K. A. **Ensino superior e a covid-19**: os desafios de gestão em meio à pandemia. Trabalho de Conclusão de curso. Instituto Federal do Paraná, Curitiba, 2022. Disponível em: <<https://ifpr.edu.br/curitiba/wp-content/uploads/sites/11/2022/03/TCC-Juliano-e-Karen-final.pdf>>. Acesso em: 15/02/2023.

RIBEIRO, H. C. M.; CORRÊA, R. Ensino remoto na educação superior em tempos de distanciamento social: uma investigação nas instituições de ensino superior privada de um grupo educacional do Brasil. **Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL**, p. 139-161, 2021.

RONDINI, C. A.; PEDRO, K. M.; DUARTE, C. dos S. Pandemia do covid-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na práxis docente. **Educação**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 41–57, 2020. DOI: 10.17564/2316-3828.2020v10n1p41-57. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9085>. Acesso em: 10 abr. 2022.

ROSA, R. T. N. **Das aulas presenciais às aulas remotas**: as abruptas mudanças impulsionadas na docência pela ação do Coronavírus-o COVID-19!. Rev. Cient. Schola. Colégio Militar de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. V. VI, Número 1, Julho 2022. ISSN 2594-7672. Disponível em: <[http://www.cmsm.eb.mil.br/images/CMSM/revista\\_schola\\_2020/Editorial%201%202020%20\(Rosane%20Rosa\).pdf](http://www.cmsm.eb.mil.br/images/CMSM/revista_schola_2020/Editorial%201%202020%20(Rosane%20Rosa).pdf)>. Acesso em 10 abr. 2022.

SILVA, M., et al,. Implantação e Utilização de Ensino Remoto: Vantagens e Desvantagens. **10 jornada Científica e tecnológica da Fatec Botucatu**, Botucatu- São Paulo, Brasil. p.1 e 3, novembro, 2021, disponível em: <<http://www.jornacitec.fatecbt.edu.br/index.php/XJTC/XJTC/paper/viewFile/2610/3053>>. Acesso em: 03 jan. 2023.

SILVA, A. C. O; SOUSA, S. de A; MENEZES, J. B. F. de. O ensino remoto na percepção discente: desafios e benefícios. In: **Dossiê O (Re)inventar da Educação em Tempos de Pandemia**. Dialogia. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/about/submissions#authorGuidelines>. Acesso em: 25/01/2023.